

# Governo se arrisca a sofrer novas derrotas

A ressaca do intenso esforço concentrado feito pelo Congresso nos últimos dias deve ter sido suficiente para mostrar ao Governo a urgência da indicação de um interlocutor político, sobretudo porque a rebelião foi comandada pelos próprios partidos aliados e que, por muito pouco, não o leva a derrotas ainda maiores. O sentimento, generalizado no Congresso, era resumido ontem pelo deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA): "O Governo precisa perder o medo de que se associe à figura do coordenador a imagem de um canal fisiológico; tem que dizer quem é o interlocutor por ele credenciado para conversar com o Congresso".

Geddel não concorda com a avaliação de que o Governo não se mostrou disposto à negociação porque se tratava de um Congresso em final de mandato. Os problemas vistos agora — as insatisfações regionais, a pressa em se votar propostas sem discussão, a ausência de articulação — vão persistir, diz o deputado.

**Salto alto** — "O governo está de salto alto, ainda não saiu da recepção", dizia, ainda na noite de anteontem, o petebista José Rezende (MG), prevendo que, inclusive, a Medida Provisória do Imposto de Renda para pessoas jurídicas poderia ser derrubada tamanha era a insatisfação, sobretudo diante do anúncio oficial do corte das emendas parlamentares ao Orçamento. "Se os deputados e senadores não podem nem apresentar emendas, é melhor fechar logo o Congresso", afirmou Rezende, que também ia-

mentava a falta de um coordenador que falasse em nome do Governo. Os petebistas haviam se reunido antes e decidido que não poderiam deixar de votar o mínimo de R\$ 100 se já tinham aumentado seus próprios salários.

As queixas quanto à falta de tato político do ministro do Planejamento José Serra, que anunciava os cortes com a sessão da Câmara em andamento ainda não amenizaram, mesmo com a promessa do ministro, feita ao presidente da Comissão do Orçamento, Humberto Souto (PFL-MG), de que virá ao Congresso discutir um novo projeto orçamentário. "O Serra é um elefante em loja de louça, não precisava fazer o que fez: era só não autorizar a execução das emendas quando medidas fundamentais para o Governo estavam sendo votadas na mesma noite", disse Geddel Vieira Lima.

**Grosseria** — O próprio Souto —, que contou ter iniciado a conversa com Serra "com um discurso impetuoso, como se tivesse 23 anos" e saiu mais calmo, como bombeiro —, se disse plenamente não convencido da necessidade dos cortes das emendas. E, um dia depois, ainda considerava a atitude de Serra "um ato infeliz, apolítico, uma grosseria", mesmo convencido de que o ministro "não quis afrontar o Congresso". A conclusão de Souto é a de que o Governo precisa de líderes que possam defender o Governo "sem subserviência, sem ser um capachildo, um porta-voz exclusivo dos interesses governamentais, embora leais". (L.B.)